

RETRATOS CULTURAIS DA/NA EJA: NARRATIVAS DOS COTIDIANOS DOS TRABALHADORES SERTANEJOS

MARINAIDE LIMA DE QUEIROZ FREITAS*

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

<https://orcid.org/0000-0003-3659-4165>

JAILSON COSTA DA SILVA**

Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

<https://orcid.org/0000-0001-5078-3603>

ANDRESSO TORRES***

Universidade Estadual de Alagoas

<https://orcid.org/0000-0002-3521-7811>

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar retratos culturais da/na EJA, achados que resultam das imersões dos pesquisadores na realidade sertaneja alagoana, dando ênfase em três práticas: o labor, a feira livre, e a escolarização. Parte da seguinte problematização: a partir do *lugar* – sertão alagoano –, de que forma os sujeitos sertanejos vivenciam cotidianamente suas práticas culturais? As fotografias se constituíram enquanto fontes carregadas de narrativas singulares de épocas temporais distintas. Nesse percurso, caracterizamos o sertão enquanto espaço plural e desencadeador de diversas práticas. O itinerário das pesquisas nos possibilitou desvendar muitas questões, como a altivez dos sujeitos *praticantespensantes* na fabricação do lugar. As narrativas visuais evidenciam a construção identitária por meio da cultura, que emerge das práticas cotidianas, e coletivas, nas quais predominam valores e costumes em comum. Tal fato mostra o forte sentimento de pertencimento e o estabelecimento de vínculos humanos que transcendem a materialidade, de modo que demonstram ainda os esforços empreendidos para alcançar a escolaridade: os sujeitos têm que se

* Doutora em educação. Professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) e do curso de Pedagogia. Coordenadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Alfabetização (Nepeal), Cedu/Ufal. Membro do GT 18 – Educação de Pessoas Jovens e Adultos da Anped e também, membro do Fórum Alagoano de Educação de Jovens e Adultos (FAEJA). E-mail: marinaide.queiroz@cedu.ufal.br

** Professor do curso de licenciatura em Física do Instituto Federal de Alagoas (IFAL – Campus Piranhas), área: Formação de Professores. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (2018). Mestre em Educação pela UFAL (2013). Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (GIPEJA/IFAL/CNPq). E-mail: jailson.costa@ifal.edu.br

*** Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (PPGE/Ufal). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Alagoas (Uneal/Campus II). Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos – Multieja/CNPq. E-mail: andressotorres@hotmail.com

deslocar, muitas vezes, de longas distâncias até a escola depois de um dia de trabalho braçal. As imagens nos contam, ainda, que, ao contrário do discurso ora construído de sujeito tido como passivo, o sertanejo vem construindo, ao longo do tempo, uma *política do agir* em meio ao campo social que tenta impor-lhes uma hegemonia que, ocasionalmente, busca naturalizar tal realidade.

Palavras-chave: Retratos culturais; Sertão alagoano; Fotografias.

ABSTRACT

CULTURAL PORTRAITS OF/IN EJA: NARRATIVES OF THE DAILY LIVES OF THE SERTANEJO WORKERS

The present work aims to present cultural portraits of/in EJA, findings that are a result of the researchers' immersion in the sertão of Alagoas reality, emphasizing three practices: labor, street market, and schooling. This paper parts from the following problematization: regarding to this *place* – the sertão of Alagoas – how do the subjects living there have their cultural practices daily? The photographs were constituted as sources of singular narratives of distinct time periods. In this journey, we characterize the sertão as a plural space, and the trigger for the various practices. The itinerary of the research allowed us to unveil many questions, such as the haughtiness of the practicing subjects in the construction of the place. The visual narratives reveal the establishment of identity through culture, which emerges from daily and collective practices that values and customs in common predominate. Such fact shows the strong feeling of belonging and the setting of human bonds that transcend materiality, in a way that they also show the efforts made to reach schooling: they have to travel many times long distances to get to school after a day of manual labor. The photos also tell that, contrary to the sertanejo as a passive subject discourse, the sertanejo community has been building, over time, a *policy of acting* in the midst of a social field that tries to impose a hegemony that seeks, sometimes, to naturalize their reality.

Keywords: Cultural portraits; Sertão Alagoas; Photographs.

RESUMEN

RETRATOS CULTURALES DE/EN LA EJA: NARRATIVAS DE LOS COTIDIANOS DE LOS TRABAJADORES SERTANEJOS

El objetivo del presente trabajo es presentar retratos culturales de/en la EJA, hallazgos estos que resultan de las inmersiones de los investigadores en la realidad sertaneja alagoana, enfatizando en tres prácticas: la labor, la feria libre y la escolarización. Se inicia con la siguiente problematización: a partir del *lugar* – sertón alagoano-, ¿de qué manera los sujetos sertanejos viven cotidianamente sus prácticas culturales? Las fotografías se construyeron en tanto fuentes cargadas de narrativas singulares de épocas temporales diferentes. En este trayecto, caracterizamos el sertón como espacio plural y desencadenante de diversas prácticas. El itinerario de las investigaciones nos ha permitido desvendar muchas cuestiones, como la altivez de los sujetos *practicantepensantes* en la fabricación del lugar. Las narrativas visuales ponen en evidencia la construcción identitaria

por medio de la cultura, que emerge de las prácticas cotidianas y colectivas, en las que predominan valores y costumbres en común. Tal hecho muestra el fuerte sentimiento de pertenencia y el establecimiento de vínculos humanos que trascienden la materialidad, por lo que además demuestran los esfuerzos emprendidos para alcanzar la escolaridad: los sujetos deben trasladarse, muchas veces, desde ubicaciones distantes hasta la escuela luego de un día de trabajo a brazo. Las imágenes nos cuentan, también, que, al revés del discurso entonces construido como sujeto pasivo, el sertanejo ha construido, a lo largo del tiempo, una *política del actuar* en medio del campo social que intenta imponerles una hegemonía que, ocasionalmente, busca naturalizar la realidad.

Palabras clave: Retratos culturales; Sertón alagoano; Fotografías.

1 INTRODUÇÃO

Este texto resulta de pesquisas realizadas sobre os sertões e os sertanejos no período de 2011 a 2018, no âmbito de um grupo de pesquisa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), que passou a dialogar a partir de 2019, com um grupo de pesquisa em EJA do Instituto Federal de Alagoas (Ifal – Campus Sertão) e, que se vincula a outros estudos sobre a memória da EJA, em conexão com os Centros de Referência e Memória da Educação de Jovens e Adultos, em rede de interlocução com os estudos realizados por pesquisadores da Ufal, do Ifal e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

Nesse sentido, as “escavações” realizadas nos sertões de Alagoas, em busca de compreensões acerca das experiências dos sujeitos com as ações de escolarização e culturais, vêm permitindo a descoberta de muitas questões ora silenciadas das cenas científicas, mas que pouco a pouco passam a se tornar visíveis (DE CERTEAU, 1994), graças ao processo de incursão realizado.

Nestes escritos dedicamo-nos a narrar as resistências dos praticantes culturais das classes subalternas que, em suas *táticas*, encontram maneiras de obstinação, como forma de conservar para defender a própria vida nas comunidades sertanejas, preservam “[...] modos próprios e relativamente autônomos de orientação da ação, de representação do real e de sua reprodução como cultura popular”

(BRANDÃO, 2002a, p. 91).

As narrativas construídas neste artigo, são tidas como fortes experiências vivenciadas pelos pesquisadores - que também são sertanejos, e neste espaço de autoria, enquanto narradores, expressam seus sentimentos, tal como define Larrosa (2011, p. 68) “O que narra é o que leva para frente, apresentando-o de novo, o que viu e do qual conserva um rastro em sua memória. [...] expressa, no sentido de exteriorizar, o rastro que aquilo que viu deixou em sua memória”, que no nosso caso específico, são as experiências de vida nos sertões.

Os retratos culturais que apresentamos em temporalidades distintas e intersertões, demonstram as formas de resistência de produção da vida de maneira coletiva, nos cotidianos, recorrentes nas comunidades mais tradicionais do sertão alagoano. Espaços, ainda marcados pela cooperação entre seus membros, que se ajudam no labor diário, na cooperação e solidariedade entre os colegas nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou fora delas, bem como comemoram dos eventos e festejos populares - a exemplo das feiras livres, que resistem às padronizações colonizadoras.

Essa resistência cultural que ainda encontramos nos sertões, mesmo que de forma dispersa, demonstram a possibilidade de afirmação do novo, sem perder a beleza da cultura popular, oriunda das criatividade e tenacidades coti-

dianas que sobrevivem, de maneira astuciosa (DE CERTEAU, 2011), ao conflito permanente de homogeneização das relações impostas pelo capital. Apesar de reconhecermos que os membros desses grupos também se encontram expostos aos meios de comunicação de massa, bem como à cultura escolar que reproduzem os interesses da cultura dominante. Esta carga em seus preceitos, uma “Certa vertente culta, ocidentalizante, de fundo colonizador, estigmatiza a cultura popular como fóssil correspondente a estados de primitivismo, atraso, demora, subdesenvolvimento” (BOSI, 1992, p. 323).

Para retratar os aspectos dos cotidianos culturais dos sertanejos, recorreremos à história grafada nas fotografias, destacando as narrativas que as imagens carregam em si, e às muitas outras que podem ser imaginadas e interpretadas a partir delas. Nesse sentido são oportunas as palavras de Mauad (2005, p. 136): “[...] a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade”.

Em nossos estudos conseguimos reunir um corpus documental composto por 87 fotografias, caracterizado por imagens diversas que apresentam comportamentos fotográficos variados, em grande maioria de profissionais desconhecidos na atualidade. Todas as fotografias fazem parte do conjunto de memórias do acervo pessoal dos entrevistados e foram cedidas em momentos de entrevistas e disponibilizadas para publicação.

No que diz respeito à utilização da fotografia como fonte de dados, Guran (2011, p. 82) enfatiza a importância da observação da natureza das imagens, caracterizando-as como de natureza êmica ou ética. Neste artigo apresentamos, respectivamente 2 (duas) fotografias de natureza êmica¹ e 1 (uma) de natureza ética².

As imagens que apresentamos são grafadas pelas histórias dos sertanejos em seus *espa-*

costempos, são imagens que dão identidade a contextos históricos diferentes. São entendidas como fontes que carregam em si, narrativas a partir da sua potencialidade de apreender de forma eficaz uma determinada situação; potencializa a dedução do que não é visto na imagem e possibilita, sobretudo, a releitura daquilo que se está vendo. Guran (2012, p.70) esclarece: “[...] sua capacidade de apreender muito rapidamente uma situação lhe permite inventariar cenários, eventos e circunstâncias com precisão e abrangência muito superior à memória ou ao resultado obtido com apontamentos”. As concepções enfatizadas pelo autor, evidenciam o valor da fotografia para a escrita da história, uma vez que destacam “[...] aspectos que dificilmente poderiam ser traduzidos claramente apenas pela linguagem escrita” (GURAN, 2011, p. 96).

Nessa perspectiva, o texto tem como objetivo apresentar os achados da imersão dos pesquisadores na realidade sertaneja alagoana, dando ênfase em três práticas culturais, e situando o sertão como espaço de existência e coexistência, caracterizando as relações históricas a qual essas práticas estão imersas. E toma como referência a seguinte questão: a partir do *lugar* – sertão alagoano –, de que forma os sujeitos sertanejos vivenciam cotidianamente suas práticas culturais? Nessa direção, organizamos o artigo em 3 partes. A primeira destaca o itinerário pelos sertões, focalizada na ideia de sertão enquanto espaço plural, o que o caracteriza como dinâmico e histórico. Na segunda parte apresentamos a perspectiva que defendemos acerca das vivências cotidianas dos sujeitos sertanejos e, em seguida, situamos os retratos culturais sertanejos, a saber: o labor, a feira livre, e a escolarização. E, por fim, tecemos as considerações finais dando ênfase às sínteses analíticas.

2 OS ITINERÁRIOS PELOS SERTÕES

Compreendemos com Guimarães Rosa (2007), que o sertão é um espaço múltiplo, polifônico

1 Guran (2011, p. 82) classifica “as fotografias de natureza êmica [como] aquelas produzidas pelos membros da comunidade estudada.”

2 Para o autor as fotografias feita pelo pesquisador são de natureza ética.

e polissêmico que está em toda parte, e que, nesse sentido, há sertões plurais. Essa ideia, coloca em xeque os discursos, ora construídos, acerca do sertão como um espaço distante, atrasado, erguido sobre a plataforma da fome e da miséria da vida dos seus habitantes - os sertanejos - que, por sua vez, são vistos como jecas³, analfabetos, rudes e incivilizados. Essa dizibilidade reprisa os já saturados estigmas que conformam essa realidade ao deserto, inculto, matuto, e ao pedregoso. Nessa direção, concordamos com Lindoso (2011, p. 151) ao dizer que: “[...] o sertão é dificilmente complexo” principalmente “[...] quando o levamos a sério, com seus ciclos etnográficos e com seus ciclos da história”.

Consideramos o sertão na seriedade aludida, fato que nos leva a percebê-lo em sua historicidade, e nos diversos ciclos temporais pelo qual passou ao longo do tempo, figurando como lugar praticado (DE CERTEAU, 1994), por suas gentes, em suas diversidades étnicas e culturais, como destacado na citação do historiador Dirceu Lindoso (2011). Ao analisarmos este espaço pelas lentes da contemporaneidade, rompemos com a concepção de sertão datada, enraizada, generalista que foi se construindo, “inventando” e que deu lugar aos estereótipos sobre o nordestino, e especificamente sobre o sertanejo.

Essa visão retratada, ao que nos parece, busca conformar o sertão como não-histórico, de modo que a imagem predominante é a da solidez das dimensões culturais, climáticas, destituindo-o de sua austeridade histórico-antropológica. É preciso, reconhecer o povo sertanejo a partir da “pluralidade de [suas] vozes” (MELO, 2006), destacando seus modos

de vida, resistências, e suas formas de produzir cultura - negando, muitas vezes, as transmissões da chamada cultura erudita, que como já dissemos, enxerga o sertão como não-lugar.

É que essa pluralidade e singularidade referidas, no nosso entendimento, envolveram os sertões ao longo do tempo, deixando marcas históricas, de modo que diante das transformações pelo qual o mundo vem passando em decorrência dos processos de globalização hegemônica (SANTOS, 2009), percebe-se que o sertão também foi se mutando pelas “grafias”, “rasuras” e polissemias (MELO, 2006) e se tornaram espaços-lugares que abrigam uma diversidade de gente, terras, e culturas.

Entendemos que projetando para longe a visão de arcaicidade ora referida, acerca do sertão, permitirá que emergam outros fios históricos que se urdem às diversas práticas culturais e que rompem a ideia de estagnação. Albuquerque-Júnior (2014) alerta, portanto, que pensar o sertão no sentido da contemporaneidade, não implica esquecer seus outros tempos, pois ser contemporâneo é:

[...] conter todos os tempos e fazê-los atualizar-se e modificar-se no presente que passa, lançando-se sem medo na abertura do devir que promete outros tempos futuros, possíveis, imprevisíveis; um sertão disposto a deixar de ser o que vem de longe para ser o que vai para longe de si mesmo, um sertão distante de si mesmo (ALBUQUERQUE-JÚNIOR, 2014, p.54)

Considerando esse cenário faz-se necessário trazer o sertão para perto, fazê-lo do agora, reconhecer suas particularidades e identificar seus habitantes como aqueles que imprimem sentidos às diversas práticas que realizam e se reapropriam. As leituras dos postulados teóricos do historiador francês Michel de Certeau (1994), contribuem para entendermos os sertanejos não como sujeitos passivos, que aceitam com benevolência as imposições culturais outorgadas pela chamada “cultura erudita”. Mas, como homens e mulheres que (re)criam, anonimamente, as suas existências, a partir dos artefatos que estão ao seu alcance. Concordamos com o autor quando alerta para

3 Jeca é um estigma utilizado para se referir aquele ou aquela que vive no meio rural. Aparece na literatura na primeira metade do século XX como aquele que é portador de uma linguagem considerada “errada”, e vindo de lugares distantes. Apresenta características que apontam o espaço rural como rude, e incivilizado. No cinema, há uma difusão dessa imagem, em que os personagens são caracterizados, com vestimentas e um modo de agir que é visto como “estranho”.

o fato de que “não se deve tomar os outros por idiotas” pois:

Nesta confiança posta na inteligência e na inventividade do mais fraco, na atenção extrema à sua mobilidade tática, no respeito dado ao fraco, sem eira nem beira, móvel por ser assim desarmado em face das estratégias do forte, dono do teatro de operações, se esboça uma concepção política do agir e das relações não igualitárias entre um poder qualquer e seus súditos (DE CERTEAU, 1994, p. 70)

Concordando com o autor e seguindo outras pesquisas já realizadas, a exemplo das citadas na introdução deste artigo, tendo o sertão como lócus e seus habitantes como “testemunhas oculares” dos acontecimentos históricos, nos dirigimos na contramão dos discursos, ora construídos, como já aludimos, e investimos na compreensão dos sertanejos como aqueles que mobilizam táticas, e agem em meio ao campo minado do poder, que, estrategicamente, tenta impedir essa mobilidade.

O poder, o forte e as estratégias, segundo De Certeau (1994), pertencem às instituições; enquanto que as táticas, ou seja, as mil e uma maneiras de ocupar um espaço, são operadas no campo do fraco, os passantes comuns, os heróis anônimos, os poetas dos próprios negócios. Assim, os sertanejos, por meio de suas diversas práticas culturais transformam o lugar em território de identidades, singularmente reconhecidas pelos traços e proposições geográficas, sinalizando a efervescência laborativa de um determinado local.

Nessa perspectiva, as andanças pelos sertões de Alagoas foram possibilitadoras de muitos encontros, diálogos e narrativas. Encontros estes que se constituíram como “[...] uma experiência de interação entre sujeitos, que pode ser produzida/organizada/promovida pelo pesquisador, ou pode se dar ao acaso”. No nosso caso, esses “[...] encontros [geraram] outros e [marcaram] lugares, que [nos encaminharam] à produção do conhecimento” (PASSOS, 2014, p. 234) sobre os retratos culturais cotidianos dos sertanejos que habitam esses lugares.

Nessa lógica, as imagens de temporalidades distintas que são analisadas neste artigo retratam, por sua vez, a luta e o trabalho diário dos sujeitos, em épocas históricas e na atualidade, e denotam os significados de pertencimento a um lugar. Os desejos, os sonhos e as expectativas em relação à escolaridade, perseguida com muito esforço depois de jornadas diárias estafantes de labuta.

3. AS VIVÊNCIAS COTIDIANAS DOS TRABALHADORES SERTANEJOS

Com o entendimento da cultura enquanto um campo social caracterizado pela pluralidade, buscamos sintetizar neste item os sentidos existentes nas práticas culturais dos sujeitos das classes populares, com ênfase nos sertanejos, levando em consideração as representações dessas práticas no cotidiano desses sujeitos. Esse entendimento inicial leva-nos à questão elencada neste texto, de modo que procuramos “respondê-la” enfatizando as formas de viver, cotidianamente, o lugar.

Esse questionamento acompanha-nos no decorrer das nossas pesquisas pelos sertões e vão ganhando “respostas” e mais indagações a partir do entendimento do sertanejo – sujeito produtor de cultura, como descreve Breno Accioly (1995, p. 140) em um dos seus contos, ao destacar, “[...] a sabedoria de um homem semianalfabeto”, reportando-se a um santanense que, transformando a natureza em arte, num movimento de subjetivação e objetivação confeccionava os presépios que abrihantavam os festejos natalinos daquele lugar, e, conseqüentemente, dos sertanejos. E o sentimento de Accioly (1995, p. 140), assim foi expresso:

[...] meu pensamento me levava para perto do Presépio de seu Hermínio; para perto de uma Véspera de Natal em Sant’Ana do Ipanema, precisamente há um ano atrás [1930], onde eu não me cansava de admirar a sabedoria de um homem semianalfabeto enriquecer ainda mais a riqueza dos meus sonhos mirabolantes de meus nove anos, com aquela N. Senhora balançando a

cabeça, agradecendo as esmolas, liturgicamente, e o Menino-Deus sempre acordado para melhor ver a ingenuidade dos sertanejos. (ACCIOLY, 1995, p. 140)

Essa objetivação, por meio do trabalho, era um fazer que demonstra os ritos e a fé do povo do sertão que, em sua “ingenuidade”, vive em sua cultura, redes de relações permeadas por um sistema de significados internos ao grupo, na perspectiva do reconhecimento da cultura dos *sujeitos ordinários* apresentados nos estudos de De Certeau (2011b, p. 91), a partir das seguintes características:

Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, [...]. Traçam ‘trajetórias indeterminadas’, aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis num lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas.

São os sujeitos anônimos que, em suas trajetórias culturais, reinventam, por meio de *táticas*, novas maneiras de viver e de fazer no mundo marcado pelo poder, escapando das determinações dos *lugares* que lhes são impostos, transformando esses *lugares* em *espaços* que, por eles praticados ganham novos sentidos, certamente incoerentes com as imposições da ordem.

De Certeau (2011b) enfatiza que esses praticantes são os sujeitos anônimos que, em suas trajetórias culturais, se reinventam. São os sujeitos ordinários; ligados ao campo do inusitado, das situações impostas pelo cotidiano; dão golpes em ocasiões imprevistas e singulares, oferecidas cotidianamente em suas vidas.

Esses sujeitos, nas peculiaridades dos seus contextos históricos, sociais, políticos e econômicos, reinventam e reempregam novas maneiras de viver, recriando de forma astuciosa outras maneiras de uso dos artefatos culturais impostos de fora, ressignificando-os em suas práticas culturais. Pois De Certeau e Giard

(2013, p. 340) argumentam que a prática cotidiana “[...] restaura com paciência e tenacidade um espaço de jogo, um intervalo de liberdade, uma resistência à imposição (de um modelo, de um sistema ou de uma ordem): poder fazer é tomar a própria distância, defender a autonomia de algo próprio”.

Assim os autores De Certeau e Giard (2013) e De Certeau (2011b) definem a constituição desses sujeitos em suas peculiaridades, levando-nos a compreender a relevância da percepção das particularidades. Os autores são enfáticos ao esclarecer que essa cultura dos sujeitos ordinários carrega em si:

[...] uma diversidade fundamental de situações, interesses e contextos, sob a repetição aparente dos objetos de que se serve. A *pluralização* nasce do uso ordinário, daquela reserva imensa construída pelo número e pela multiplicidade das diferenças. (CERTEAU; GIARD, 2013, p. 341).

O respeito à singularidade, nessa perspectiva é condição preponderante da pluralização, da multiplicidade e das diferenças entre os sujeitos praticantes. A citação a seguir parece-nos esclarecedora:

O essencial do trabalho de análise que deveria ser feito deverá inscrever-se na análise combinatória sutil, de tipos de operações e de registros, que coloca em cena e em ação um fazer-com, aqui e agora, que é um ato singular ligado a uma situação, circunstâncias e atores particulares. Neste sentido, a cultura ordinária é antes de tudo uma *ciência prática do singular*, que toma às avessas nossos hábitos de pensamento onde a racionalidade científica é o conhecimento do geral, abstração feita do circunstancial e do acidental. À sua maneira humilde e obstinada, a cultura ordinária elabora então o processo do nosso arsenal de procedimentos científicos e de nossas categorias epistêmicas, pois não cessa de rearticular saber a singular. (DE CERTEAU e GIARD, 2013, p. 341).

O ordinário apresentado pelos autores é esse sujeito, ligado ao campo do inusitado, das situações impostas pelo cotidiano, dá golpes em ocasiões imprevistas e singulares, oferecidas cotidianamente em suas vidas. Nossas pesquisas (2011, 2018) sobre as histórias de

vida dos sertanejos demonstraram que, no sertão de Alagoas, situações imprevistas ocorreram, visto que os trabalhadores sertanejos apropriam-se das parcas oportunidades que chegam até eles.

Como De Certeau (2011b, p.89) manteve-nos em alerta para essa questão que atravessou todo o texto. Eis o que afirma o autor em respeito aos *usos* que os sujeitos fazem cotidianamente dos artefatos culturais que lhes são impostos/doados: “Os conhecimentos e as simbólicas impostos são objetos de manipulação pelos praticantes que não seus fabricantes”. Nesse estudo, os sertanejos são tidos como esses sujeitos *praticantespensantes*, com condições de transformar *consumo* em *uso*.

Com o cuidado merecido, essas questões serão aprofundadas na próxima seção que apresenta exemplos de retratos culturais dos cotidianos vivenciados pelos trabalhadores sertanejos, em seus múltiplos sentidos.

4. RETRATOS CULTURAIS: MÚLTIPLOS SENTIDOS

Na tentativa de esboçar os sentidos e significações de cultura das classes populares, sobretudo dos sujeitos das comunidades sertanejas, entendemo-los como sujeitos que são que pensam e agem perante as condições de vida que lhes são impostas, tomamos como base, também as contribuições teórico-metodológicas de Thompson (1998).

A cultura e a experiência ancoradas na resistência das classes populares ganham relevo na abordagem do historiador inglês Edward Palmer Thompson, reconhecido por seus estudos relacionados à classe operária inglesa, e sua sensibilidade no tratamento da processualidade histórica e as ações culturais das classes trabalhadoras, artesãos e camponeses da Inglaterra no século XVIII. Uma das maiores contribuições das reflexões teóricas do autor aos nossos estudos está presente nas suas análises acerca da cultura do povo

que, ancorada nos costumes, ritos e tradições⁴ delimitam um espaço de resistência em um contexto extremamente marcado pelo modelo econômico liberal, no qual o lucro tornara-se prioridade.

Os escritos de Thompson (1998) fazem lembrar os conceitos utilizados por De Certeau (2011), quando nos apresenta o cotidiano dos sujeitos *ordinários* a partir das análises das *estratégias e táticas*. Para o pesquisador (1998, p. 19), as táticas dos sujeitos praticantes, aparecem representadas pela palavra resistência. O pesquisador admite em seus escritos que, na Inglaterra do século XVIII, podia-se até estabelecer os limites tolerados pelos governantes; porém, esta lei não penetrava “[...] os lares rurais, não aparece nas preces das viúvas, não decora as paredes com ícones, nem dá forma à perspectiva de vida de cada um”.

Uma forma dessa resistência das classes populares que o autor estudou estava presente nas concepções simbólicas que esses sujeitos tinham a respeito do tempo. Elucida que naquele contexto histórico, a percepção do tempo estava ligada à natureza; sendo assim, a organização do trabalho centrava-se no tempo de duração da tarefa. Algo que passa a se modificar com a disseminação do relógio na Europa. Ao analisar como o homem se utiliza do tempo nas comunidades pré-industriais, com ênfase na percepção que esse homem tem do tempo a partir das diferentes situações de trabalho, o autor defende:

A notação do tempo que surge nesses contextos tem sido descrita como orientação pelas tarefas. Talvez seja a orientação mais eficaz nas sociedades camponesas, e continua a ser importante nas atividades domésticas e dos vilarejos. Não perdeu de modo algum toda a sua importância nas regiões rurais da Grã-Bretanha [...] (THOMPSON, 1998, p. 271).

4 O autor esclarece que em seus escritos a palavra “tradição” em momento algum representa permanência, ele ilustra que em seus estudos o costume é tido como “[...] um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes (THOMPSON, 1998, p. 17).

Nas comunidades rurais do sertão alagoano a notação do tempo, pelos sujeitos sertanejos, não perdeu, ainda, a essência de orientação pela tarefa, o que demonstra as peculiaridades e modos de viver dos povos do campo. Os costumes, as tradições, os rituais estão presentes nas práticas cotidianas de sujeitos resistentes e criativos.

Nessa mesma direção de pensamento temos Freire (2011b), que também contribuiu com fios que conduzem à tessitura dessa discussão ao apresentar as diversas “formas de estar sendo” dos sujeitos das classes populares, em suas peculiaridades. O autor também destaca os costumes conservados por estes sujeitos, referindo-se especificamente às pessoas que vivem no campo, destacando que:

[...] quando as áreas camponesas [foram] sendo atingidas pelas influências urbanas [situação típica das décadas em estudo], através do rádio, da comunicação mais fácil por meio das estradas que diminuem as distâncias, conservam quase sempre, certos núcleos básicos de sua forma de estar sendo (FREIRE, 2011b, p. 56).

Essa reflexão é tida como valiosa em nossas pesquisas, sobretudo por não estigmatizar os sujeitos das classes populares como seres totalmente passivos das ações colonialistas dos representantes da cultura dominante. Nos subitens a seguir, abrimos espaços para apresentar registros fotográficos⁵, constituintes de narrativas, que demonstram as labutas dos sertanejos e as práticas culturais envolvidas nos seus *fazer*es.

4.1 Primeiro retrato: o labor

Os comportamentos comunitários que aparecem na obra de Thompson (1998) inspira-

ram-nos a observar os comportamentos dos sertanejos, e passamos a apresentar, neste retrato, a experiência de um grupo de pessoas pertencentes à comunidade sertaneja do povoado Santiago, situado nas imediações do município de Pão de Açúcar⁶ - sertão alagoano.

As imagens que apresentamos em nossas pesquisas são grafadas pelas histórias dos sujeitos sertanejos em seus *espaçostempos*. São imagens que dão identidade a contextos históricos e fazem soar novas interpretações aos que contam com essas memórias para o entendimento das histórias, fixadas nas fotografias, tidas como:

[...] um recorte espacial que contém outros espaços que a determinam e estruturam, como, por exemplo, o espaço geográfico, dos objetos (interiores, exteriores e pessoais), da figuração e das vivências, comportamentos e representações sociais (MAUAD, 2005, p. 143).

A fotografia a seguir, sem moldura, demonstra os sertanejos em uma das suas experiências de trabalho, fortemente caracterizadas pelas tradições e costumes peculiares à cultura do povo do Nordeste, a exemplo os mutirões, também conhecidos como batalhões, na região do sertão alagoano. Caracterizado pelo encontro de diversas pessoas que se juntam pelo trabalho e ao trabalharem entoam cantos. Os mutirões ou batalhões são entendidos, neste estudo, como forma de criação cultural do povo. Carlos Rodrigues Brandão (1995) ao descrever as características de um mutirão esclarece que esta tarefa coletiva contém os elementos do *dom* da doação, o *dom* da coletividade, do companheirismo que ameniza os desgastes físicos do trabalho braçal.

5 Em nossos estudos conseguimos reunir um corpus documental composto por 87 fotografias, caracterizado por imagens diversas que apresentam comportamentos fotográficos variados, em grande maioria de profissionais desconhecidos agora na atualidade. Todas as fotografias fazem parte do conjunto de memórias do acervo pessoal dos entrevistados e foram cedidas no momento das entrevistas e disponibilizadas para publicação.

6 Município da Mesorregião do sertão alagoano, situado nas margens do Rio São Francisco, com uma área 662,95 km², com uma população (Censo 2010) de 23.811 habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) - Pão de Açúcar é 0,593, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,500 e 0,599). (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL).

Figura 1 – Batalhão de Lagoa: plantação de arroz na extinta Lagoa de Santiago, 1981.



Fonte: Arquivo pessoal de Hélio da Silva Fialho – Ex-supervisor de área do Mobral.

A fotografia, que para Guran, (2011, p. 80) “[...] é, por natureza, eminentemente descritiva”, registra a labuta diária dos sertanejos, com destaque ao modo de viver em um contexto em que a coletividade prevalecia e os costumes eram repassados para as gerações mais jovens. Como exemplo as crianças que acompanhavam seus pais nas jornadas de trabalho como descreve a fotografia, na qual as crianças aparecem seguindo os costumes, vestem-se como os adultos, protegem suas cabeças do sol assim como fazem os mais velhos e, certamente, participavam e aprendiam os rituais - versos e canções populares, típicos de um batalhão.

Aguçando o olhar é possível notar a quartinha d’água que aparece na imagem, pode-se observar também na Figura 1, outros utensílios utilizados pelos sertanejos em suas jornadas de trabalho como os chapéus de palha e de couro; os balaios e cestos de palha, as quartinhas e os potes feitos de argila. Esses objetos representam produções da cultura sertaneja, que tem ligação muito forte com o trabalho artesanal das

mulheres e homens do campo. As quartinhas de barro, como conhecidas, ainda são muito utilizadas, em pleno século XXI, pelos agricultores em atividades no campo. Sua dimensão pequena facilita o manuseio, sem falar da sua principal função: conservar a água fria para o consumo durante todo o dia.

O labor retratado a partir das narrativas que a fotografia permite nos deixam margens para inferirmos sobre as diversas possibilidades de interpretação das experiências e tradições dos sujeitos sertanejos. Brandão (2002) ao dar ênfase aos saberes populares presentes na cultura de cada comunidade enfatiza que:

Dentro da cultura do povo há um saber; no fio de história que torna esse saber vivo e continuamente transmitido entre pessoas e grupos há uma **educação** (grifo nosso). É a partir destas redes de trabalho popular de cultura que o educador popular deve situar o seu trabalho através da cultura. Ele não tem o direito de invadir, como colonizador bem-intencionado, esses domínios de educação e saber da cultura do povo. (BRANDÃO, 2002, p. 97).

A palavra educação refere-se no seu sentido amplo às relações sociais cotidianas estabelecidas no interior das comunidades. Ou seja, os saberes impregnados na cultura do povo das comunidades rurais dos sertões.

Com a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó⁷ a formação das lagoas deixou de ser uma constante, o que pôs fim à cultura de produção do arroz em terras sertanejas. O desaparecimento dessas lagoas representou, para as comunidades ribeirinhas, o fim da produção de um cereal considerado integrante principal na alimentação dos sertanejos, e que adicionado ao feijão torna a alimentação equilibrada, fornecendo energia para o cumprimento das árduas tarefas diárias que envolvem, geralmente, o trabalho braçal.

4.2 Segundo retrato: a feira

Santana do Ipanema é uma cidade cravada na região dos sertões alagoanos que iniciou seu desenvolvimento de forma eminentemente rural, com a denominação de Ribeiro do Panema. Em 1771, passa a ser chamada de Santa Ana da Ribeira do Panema, devido à construção de uma capela em homenagem à Nossa Senhora Santana⁸.

No final da década de 1920, um aspecto econômico que ganhou destaque no município foi a feira livre, realizada aos sábados. Tornou-se, então, um sustentáculo importante para a economia da região. O movimento era intenso, como mostra a figura abaixo, em decorrência da “[...] chegada de numerosos carros de bois e negociantes, sem falarmos em pessoas outras que acorriam ao local para comprar seus gêneros alimentícios, suas chitas, suas alpercatas ou para tratar de assuntos com as autoridades”. (MELO, F.; MELO, D., 1976, p. 8).

Figura 2 – Santana do Ipanema em dia de feira. – Imagem: Sr. Sulino Acervo: Erinha.



Fonte: Disponível em: <<http://www.maltanet.com.br/galeriadefotos/foto.php?id=754>>

7 Situada entre os Estados de Alagoas e Sergipe, a Usina Hidrelétrica de Xingó começou a ser construída em 1987 e foi inaugurada em 1994.

8 Pela Lei n. 09 de 24 de fevereiro de 1836, foi criada a Freguesia de Santana da Ribeira do Panema, tendo o padre Francisco Correia de Albuquerque sido nomeado seu primeiro pároco (MELO, F.; MELO, D. 1976, p. 24-25).

A fotografia da Figura 2 acima é “[...] um espelho de momentos passados” (LEITE, 1993, p. 160) e proporcionou ao nosso olhar as mensagens que retratam as pessoas que se aglomeravam para celebrar a cultura, em meio ao sol escaldante dos sertões, que junta-se semanalmente para praticar esse ato cultural democrático, em espaço público que reúne a diversidade. Espaço esse, fortemente marcado “[...] pela multiplicidade de vozes, de pregões, de falas, de ditos que se misturam, confundem-se e terminam por gerar uma verdadeira algaravia de vozes” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 24).

A figura em foco, também, remete à “[...] multiplicidade de apelos em torno das diversas mercadorias que se tenta vender” (ALBUQUERQUE JR., 2013, p. 24). Um lugar de convergência popular, no qual os produtos produzidos nas comunidades urbanas e rurais dos sertões são negociados, fazendo da cidade um ponto de encontro de diversas culturas. A partir da apreciação da Figura 2, é possível observar a densidade informativa que compõe uma imagem histórica, que necessita ser alvo de um olhar minucioso dos leitores. Para Souty (2011, p. 95): “[...] a fotografia [funciona] como um instrumento precioso de inteligibilidade cultural e social”.

A referência à feira de Santana do Ipanema, nos provoca buscar Barros (2010, p. 76), em um texto memorialístico, que descreve como se dava a movimentação da feira de da referida cidade, que ocupava um extenso espaço físico e acontecia aos sábados, quando as pessoas subiam e desciam ladeiras. Explica a autora que tinha:

[...] gente caminhando em toda direção, lojas cheias, cegos cantando enquanto balançavam o ganzá, chegando caminhões, carros de boi, charretes com mulheres vestidas de guarda-pó e muitos cavaleiros. Dando boa tarde a todas as pessoas debruçadas nas janelas, passavam muitas mulheres vestidas de saia comprida e cabeção. Eram as matutas de pano branco ou totalmente preto na cabeça. Que vinham fazer a feira chegando dos arredores de Santana, vindo das pequenas propriedades da vizinhança.

O crescimento populacional do município esteve muito relacionado ao cangaço⁹ existente na região. Famílias residentes à época na zona rural, diante dos constantes ataques de Lampião¹⁰, resolveram migrar para Santana do Ipanema. Segundo Rocha (2014), por volta de 1925 apareceram na comunidade santanense três figuras emblemáticas que marcaram o imaginário de muitos sertanejos, amparados na *casta* de heróis: “o ‘coronel’ Delmiro Gouveia¹¹, que havia domado a cachoeira de Paulo Afonso; o ‘capitão’ Lampião¹², percorrendo sempre vitorioso as caatingas alagoanas, de ponta a ponta; e o tenente José Lucena, que competia com este, em nome do governo [...]” (ROCHA, 2014, p. 19).

O crescimento quantitativo da cidade apresentou a necessidade de ampliação de órgãos públicos como: grupos escolares e postos de saúde para o atendimento às pessoas que chegaram à sede do município. No campo educacional, o então prefeito Joaquim Ferreira da Silva conseguiu verbas estaduais para a construção de um grupo escolar que denominou de Padre Francisco José de Albuquerque e também “Fez vir [da capital] o corpo docente para educar a população infantil. Era a solução parcial

9 Caracterizado como uma luta revolucionária contra os desmandos das oligarquias, em que os homens do grupo vagavam pelas cidades em busca de justiça e vingança pela falta de emprego, alimento e cidadania, causas do desordenamento da rotina dos camponeses. O termo cangaço vem da palavra canga – peça de madeira usada para prender junta de bois a carro de boi ou arado.

10 Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), considerado o cangaceiro líder, abraçou o cangaço devido a uma injustiça política, para fazer justiça com as próprias mãos, juntamente com um grupo de injustiçados.

11 Industrial brasileiro, pioneiro na instalação de uma fábrica nacional independente no Nordeste. Explorou o potencial energético da Cachoeira de Paulo Afonso. Em 1921, conseguiu dotar a Vila operária de energia elétrica e água canalizada, vindas da cachoeira de Paulo Afonso.

12 Os estudos de Barros (2015, p. 600) denunciam que o cangaço comandado por Lampião “[...] se fortalecia no convívio de ‘negócios’ com governador, ricos empresários, comerciantes, desembargadores, juizes de direito e vários comandantes de polícia”.

para o caso.” (MELO F.; MELO, D., 1976, p. 63).

No início da década de 1970, em plena ditadura civil-militar, assumiu o governo municipal de Santana do Ipanema um novo gestor¹³. Segundo os autores, o período da sua gestão foi de dificuldades, uma vez que ocorreu uma grande seca, o que ocasionou terrível crise econômica e social na localidade. Como consequência, veio a fome e a sede, com mais intensidade na população da zona rural, e doenças dizimaram rebanhos de gado vacum. Segundo Melo, F. e Melo, D. (1976), mesmo diante desse quadro, o então prefeito conseguiu construir uma unidade de ensino primário em convênio firmado com a Secretaria de Educação de Alagoas. E, nessa década, apoiou a implantação de um dos Programas do Mobral, denominado Programa de Alfabetização Funcional (PAF), para atendimento aos adultos analfabetos, com atuação no horário noturno.

Retomando as questões econômicas da região sertaneja, voltamos à relevância das feiras, por serem uma forma de escoamento da produção agrícola regional, um “ponto de encontro entre o meio rural e urbano e coexistem lado a lado dos pequenos e médios estabelecimentos comerciais” (ANDRADE, 1997, p. 127), permitindo a interligação entre os diversos ramos do comércio. Na Figura 2, “[...] espelho de momentos passados [...]” Leite (1993, p.160), com seus elementos constitutivos, nos permite observar os carros de boi que transportavam as mercadorias, assim como os jumentos ou cavalos que também traziam as mercadorias ao centro da cidade. Sem falar nos objetos carregados pelos próprios feirantes, a exemplo dos caçuás que aparecem na fotografia. Isso denota, portanto, a centralidade e a importância desse evento para a sobrevivência econômica e, conseqüentemente, familiar dos sertanejos.

4.3 Terceiro retrato: a escola

Retratamos em nossas pesquisas, que os sujeitos sertanejos da/na vida cotidiana são

praticantes, tal qual como expressa Lahire (2013, p. 21) que “preteridos pela porta, todavia os indivíduos geralmente retornam pela janela [...]”, nos fazendo entender que cada trabalhador-estudante da Educação de Jovens e Adultos é uma unidade complexa que nos desafia, sobretudo, a desconstruir alguns dos nossos conceitos que, por vezes, nos levam a criar caricaturas culturais de determinados grupos, por meio de estereótipos reducionistas que ferem a essência dos sujeitos em suas múltiplas experiências sociais, geradoras dos comportamentos variados. “Cada indivíduo porta em si competências e disposições a pensar, sentir e agir [...]” (LAHIRE, 2013, p. 20), e realizar movimentos de resistência para permanecer estudando quando, muitas vezes, são preteridos nas instituições escolares.

As inquietações provocaram a curiosidade epistemológica sobre os cotidianos dos trabalhadores-sertanejos que permanecem buscando as turmas de Educação de Jovens e Adultos, desafiando as suas “situações-limites” (FREIRE, 1987) do chamado fracasso escolar traduzidas pelos obstáculos encontrados, muitas vezes, advindas da criação humana.

Neste trabalho, adotamos o entendimento de Larrosa (2011, p. 48) acerca da educação de adultos, assim o autor define: “A aula de educação de adultos aparece [...] como um lugar no qual se produzem, se interpretam e se medeiam histórias pessoais”. Nesse sentido apresentamos narrativas dos cotidianos dos sertanejos, a partir da capacidade narrativa da fotografia, uma vez que “as imagens nos contam histórias (fatos/acontecimentos), atualizam memórias, inventam vivências, imaginam a História” (MAUAD, 2005, p, 135).

Assim, apresentamos, neste item, o retrato cultural da/na EJA do cotidiano de uma sala de aula do primeiro segmento da Educação de Jovens e a Adultos, em uma comunidade rural do Município de São José da Tapera¹⁴ – Sertão

13 Henaldo Bulhões Barros.

14 Município da Mesorregião do sertão alagoano, situado nas margens do Rio São Francisco, com uma área 662,95 km², com uma população (Censo 2010) de

de Alagoas, a partir das narrativas que nos possibilita a fotografia adiante.

São sujeitos motivados por esforços e paixões, relacionados à superação de inúmeras privações ocorridas nas suas vidas de sertanejos, que com determinação, enfrentam as adversidades, entre elas, a luta pelo direito à educação, movidos por um sonho que perseguem desde a infância. Essa penúria que afeta a existência dos sertanejos, os tem tornado reféns dos processos de exclusão que se propagam constantemente no âmbito das camadas pobres da sociedade brasileira.

De Certeau (2011) apresenta esses sujeitos para além da submissão, e nos alerta que existe a sutileza do *sujeito ordinário* diante do conformismo e da passividade,

[...] ele enxergou nessas operações de praticantes mecanismos de resistência forjados com os usos que fazem do que lhes é imposto: uma produção secundária, clandestina e silenciosa que pode constituir microliberdades e, no limite, redes de antidisdisciplina (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 36).

Considerando que não há rotina, pois o cotidiano é aquilo que é dado todos os dias aos sujeitos *praticantes pensantes*, e de acordo com seus interesses de uso vivenciam os espaços e tecem redes de significados e conhecimentos na escola. A abordagem dos cotidianos nos fez ultrapassar metodologicamente o enfoque em casos múltiplos e considerar a globalidade dos cotidianos das escolas, campo da pesquisa.

Ferraço e Oliveira (2008) apontam que mergulhar no cotidiano é “vivenciar os diferentes *espaçotempos* da escola” e esse movimento, nessa pesquisa permitiu ampliar as narrativas do outro e do cotidiano escolar de sertanejos dos sertões alagoanos.

A fotografia a seguir “[...] é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade. Como corolário desse momento de inscrição do mundo na superfície sensível [...]” (MAUAD, 2005, p, 136). Retrata uma sala de aula repleta de sertanejos jovens, adultos e idosos iluminados pelas luzes que demonstram que trata-se do ensino noturno.

Figura 3 – Sala de aula de jovens, adultos e idosos. Sítio Quixabeira – Zona rural de São José da Tapera-AL, 2018.



Fonte: Arquivo pessoal de Jailson Costa da Silva - Ex-coordenador da EJA.

23.811 habitantes. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) - Pão de Açúcar é 0,593, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo (IDHM entre 0,500 e 0,599). (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL).

Com o olhar para o cotidiano da sala de aula como *espaço praticado*, caminhamos em busca de perceber o que sempre esteve presente e pouco foi considerado no que concordamos

com De Certeau (2011) ao afirmar que “[...] o espaço é um lugar praticado”. Nesse sentido colocamos em destaque o casal que aparece na primeira fileira, dividindo a mesma carteira, subvertendo uma convenção escolar cristalizada. Em nossos diálogos com a professora da referida turma descobrimos que não se tratava da ausência de carteiras na escola, como imaginamos no nosso primeiro contato com a turma.

Tratava-se de uma *tática* cotidiana da esposa (que não era matriculada na referida turma, e sim na turma vizinha do segundo segmento), que astuciosamente resolveu subverter a lógica escolar e auxiliar o esposo a “desasnar” no processo de alfabetização, o que nos faz “[...] compreender os cotidianos como campos de luta, nos quais o poder, como relação de forças, está sempre sendo contestado e disputado”. (FERRAÇO; SOARES; ALVES, 2018, p. 85). Tal fato demonstra a sala de aula como um espaço praticado, e que a escola é cotidianamente vivida a partir da sociabilidade e criatividade dos sujeitos *praticantespensantes*, a partir dos múltiplos sentidos dos cotidianos dos trabalhadores-sertanejos e suas artes de fazer, nos contextos em que vivem.

A imagem também é reveladora de uma configuração lógico-espacial que foge ao *modus operandi* que perdura nas muitas turmas das unidades escolares, ou seja, a uniformização das carteiras, e a acomodação dos sujeitos. Ao aproximarmos o olhar da fotografia, percebemos alguns estudantes sentados numa posição diagonal em relação aos demais, demonstrando divergência do modo comum-referência, enquanto que observamos os idosos, com mais recorrência, no final da sala, e os jovens e adultos à frente. Isso mostra que os sujeitos burlam a ideia clássica de sala de aula, e instauram formas próprias de interagir com o grupo. Essa é uma *tática* usada, também, para permitir que os amigos fiquem próximos uns dos outros, numa tentativa, talvez, de se autoajudarem na realização das atividades.

Nessa perspectiva, compreendemos que “[...] a fotografia não pode ser pensada apenas

como uma técnica objetiva que apreende perfeitamente o mundo sensível [...]”, e que:

[...] de fato a imagem fotográfica produz uma síntese peculiar entre o evento representado e as interpretações construídas sobre ele, estando essa correspondência sujeita às convenções de representação culturalmente construída (BITTENCOURT, 1998, p. 199).

Assim, percebemos que há uma convenção em torno das questões que perpassam a escolarização dos sujeitos - mundo sensível -, de modo que representam o desejo, o sonho, e a busca, sobretudo, pela realização pessoal por meio das letras.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo os sujeitos sertanejos como *praticantespensantes*, o artigo focalizou três retratos culturais de temporalidades distintas e que revelaram, em parte, o ethos das comunidades sertanejas, que ao longo do tempo reinventam suas práticas culturais, e sobrevivem às transformações advindas da dinâmica social, em grande medida oriundas dos processos hegemônicos que, por vezes, não valorizam as culturas dos meios populares.

Considerando o objetivo proposto neste texto de apresentar os achados das imersões dos autores na realidade dos sertões de Alagoas, em busca de compreensões acerca das experiências de escolarização dos sujeitos em períodos históricos e autocráticos; como o da ditadura civil-militar, analisamos o retrato do batalhão da lagoa, da feira livre, e da escolarização, a partir das narrativas imagéticas, entendendo-os como formas de criar, fazer e viver os cotidianos sertanejos.

As narrativas visuais denotam a construção identitária por meio da cultura, que emerge das práticas cotidianas, e coletivas, nas quais predominam valores e costumes em comum, o que mostra o forte sentimento de pertencimento e o estabelecimento de vínculos humanos que transcendem a materialidade, e que eram passados às novas gerações. Com as mudanças

nas condições ambientais, por exemplo, o recuo do Rio São Francisco que favorecia o labor na cultura do arroz, há uma interrupção da prática, mas que ainda permanece viva na memória da comunidade que a desenvolvera, como um acontecimento único no sertão de Alagoas.

Infere-se, também, que a formação social da cidade de Santana do Ipanema, um entre os sertões do Estado referido, se dá mediante o labor diário dos praticantes da agricultura que utilizam seus produtos de cultivo como forma de sobrevivência, vendendo-os na feira livre que, historicamente, ocorre aos sábados. Espaço no qual as pessoas se encontram para compras, ou mesmo para resolver assuntos com as autoridades que se destacam nos sujeitos que detém um grande poder, que são o delegado, o prefeito, ou ainda o padre. Figuras notórias que atravessam as eras como personagens que possuem uma grande ligação política e atuam, também, na formação do pensamento social das comunidades sertanejas.

Essa prática se dava, muitas vezes, sob o sol escaldante, e na circulação de animais e pessoas advindas de outros lugares. A feira livre é, por assim dizer, um lócus privilegiado de fluxo de mercadorias; mas também é um meio pelo qual os sertanejos enovelam suas existências, ao dialogarem, também, com os conhecidos que encontram e com os feirantes, e com esses últimos sempre reclamando dos preços altos dos produtos.

Além do labor, enquanto característica marcante dos retratos percebemos que a escolarização é um “sonho” que é perseguido por meio de esforços, às vezes, sobre-humanos, uma vez que ainda encontram forças para, após um dia de trabalho braçal, se dirigir à escola no horário noturno em busca de continuar os estudos, ou mesmo se alfabetizar. É lugar-comum o desejo de concluir os estudos, sob argumentos, às vezes, de melhorar de vida, ou “ser alguém na vida”.

Narrativas que denotam o quanto perdura no imaginário social a crença do “não-sujeito” pela ausência da escolarização. Na fotografia

que traz a realidade de uma sala de aula no sertão de São José da Tapera, vemos uma turma com a presença de muitos alunos, sendo a maioria jovens e adultos, que, por sua vez, tornaram o *espaço* um *lugar* que possuía traços próprios dos participantes, ou seja, burlaram o canônico.

Nesse sentido, as narrativas que nos permitiram as fotografias, suscitaram muitas questões que tentamos narrar neste artigo, ao passo que destacamos a altivez do sertanejo, que ao contrário do discurso, ora construído, de sujeito passivo, jeca, e matuto, mostra que há uma “política do agir”, que traduzimos como o esperar em Freire (1987). Pois, em meio ao campo social que tenta impor uma ordem social que, por vezes, busca naturalizar a realidade social, e conformá-los às estruturas que perduram há séculos, principalmente as que se tratam dos direitos sociais, políticos e civis, que foram historicamente negados.

REFERÊNCIAS

- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Rio de Janeiro, PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/>>. Acesso em: 04 mar. 2020.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE-JÚNIOR, Durval Muniz de. Distante e/ou do instante: “sertões contemporâneos”, as antinomias de um enunciado. In: FREIRE, Alberto. *Culturas dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014.
- BARROS, Luitgarde de Oliveira Cavalcanti. Santana do Ipanema pelos caminhos da memória. In: MELO, José Marques de; GAIA, Rossana. (Orgs.). *Sertão global: um mar de ideias brota às margens do Ipanema*. Maceió EDUFAL, 2010.
- _____. *Pelos sertões do Nordeste*. Maceió: Eduneal: Imprensa Oficial, 2015.
- BITTENCOURT, Luciana Aguiar. Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE,

- Miriam Moreira. *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A partilha da vida*. São Paulo: Geic/Cabral Editora, 1995.
- _____. *A educação como cultura*. Campinas SP: Mercado das letras, 2002a.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce. Uma ciência prática do singular. In: DE CERTEAU, Michel; GIARD, Luce e MAYOL, Pierre (Orgs.). *A invenção do cotidiano: 2 Morar, cozinhar*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Diferentes abordagens, temas e modos de ser da pesquisa nos/dos com os cotidianos. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo; PEREZ, Carmen Lúcia Vidal; OLIVEIRA, Inês Barbosa (Orgs.). *Aprendizagens cotidianas com a pesquisa: novas reflexões em pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas*. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 15-33.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo; SOARES, Maria da Conceição Silva; ALVES, Nilda. *Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Extensão ou comunicação*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. *Discursos fotográficos*, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun. 2011.
- _____. *Documentação fotográfica e pesquisa científica: notas e reflexões*. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia, 2012.
- LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAHIRE, Bernard. *O singular plural*. Cadernos do Sociófilo. Quarto Caderno, IESP-UERJ, 2013.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família*. São Paulo: Edusp, 1993.
- LINDOSO, Dirceu. *O grande sertão: os currais de boi e os índios de corso*. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2011.
- MAUAD, Maria Mauad. *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1.p. 133-174. jan. – jun. 2005.
- MELO, Adriana Ferreira de. *O Lugar-sertão: grafias e rasuras*. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- MELO, Floro de Araújo; MELO, Darci de Araújo. *Santana do Ipanema conta a sua história*. Rio de Janeiro: Borsoi, 1976.
- PASSOS, Mailsa. Encontros cotidianos e pesquisa em educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação. Curitiba: *Educar em Revista*, n.51, 2014.
- ROCHA, Tadeu. *Modernismo & Regionalismo*. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2014. (Coleção Nordestina; v.85).
- SANTOS, Boaventura Sousa. Introdução. In:_____. *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- SOUTY, Jérôme. O lugar da imagem na pesquisa. In: *Pierre Fatumbi Verger – do olhar livre ao conhecimento iniciático*. Bahia: Editora Terceiro Nome, 2011.
- THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Recebido em: 11/12/2020
Aprovado em: 27/04/2023